

A extrema-direita distópica e “a cadela do fascismo está sempre no cio”. “Sem anistia para os golpistas fascistas”! Ditadura, nunca mais!

Cães danados do fascismo
Babam e arreganham os dentes
Sai do ovo da serpente
Fruto podre do cinismo

Para oprimir as gentes
Nos manter no escravismo
Pra nos empurrar no abismo
E nos triturar com os dentes¹

Primeiro Ato

Os nexos entre nossos editoriais (2024 e 2025): possíveis análises de conjuntura

O título deste editorial diz respeito, em parte, às reflexões que fizemos nos editoriais de 2023 e 2024, quando, num cenário distópico, posicionamo-nos contra a anistia aos golpistas fascistas de ultradireita que tentaram o golpe de 8 de janeiro de 2023. Por essa efeméride e por outras tentativas de golpe, de 2016 até os dias de hoje, reportamo-nos, no título, aos versos de Berthold Brecht, “a cadela do fascismo está sempre no cio”;² e na epígrafe, a alguns versos da Chico Cesar: “cães danados do fascismo”. Nesses termos, o editorial, com vistas a opor-se à anistia aos golpistas de 8 de janeiro de 2023, segue seu curso com reflexões de cientistas sociais e metáforas de poetas e compositores da MPB. De fato,

A cadela do fascismo segue em seu eterno cio.
Castremo-la com todo brio
Dando basta ao terrorismo
Só a força popular
É que pode assegurar
A plena democracia
É preciso repressão
Apuração, punição
E nada de anistia!³

É nesse contexto que temos o desafio incomensurável de nos somarmos às críticas da luta política da esquerda brasileira e nos opormos às barbáries da extrema-direita brasileira. Em todas essas páginas, buscamos contribuir para a construção de utopias dialéticas, ensejadas pelas contradições, no sentido de expurgar os ódios, as barbáries e as destruições ultraneoliberais e neofascistas que ocorrem no cotidiano da política, capitaneadas pela via das *fake News*.

Em linhas gerais, a reflexão sobre as análises de conjuntura torna-se uma tarefa multifacetada, porque, para além das problemáticas de qualquer área do conhecimento, requer, antes de tudo, incursões em alguns aspectos da crise econômica mundial do capital. Na atualidade, a crise do capital em curso é aprofundada pela guerra das tarifas, com toda sua força

¹ Trechos da música *Pedrada*, de Chico César.

² A CADELA do fascismo está sempre no cio, Bertold Brecht. **Século Diário**, [S. l.], 6 out. 2015. Disponível em: <https://www.seculodiarrio.com.br/colunas/a-cadela-do-fascismo-esta-sempre-no-cio-bertoldt-brech/>. Acesso em: 1º maio 2025.

³ LIRA-PIO, Simplicio; ARAÚJO, Evaldo. **Anistia, não.** [S. l.: s. n.]: 2024. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://sindilegis.org.br/wp-content/uploads/2024/11/POESIAS.pdf. Acesso em: 1º maio 2025.

destrutiva para a humanidade, trazendo consigo a degradação humana e ambiental no Brasil, decorrente do produtivismo capitalista, que se amplia e explicita as consequências da crise econômica mundial do capital.⁴ É uma crítica à crise devastadora das engrenagens que caracterizam o sistema sociometabólico do capital, como nos adverte Istvan Mészáros. Segundo o autor, “o sistema do capital não tem limites para a sua expansão [...]”, fato que “[...] acaba por converter-se numa processualidade incontrolável e profundamente destrutiva”.⁵ Provas disso são o imperativo de sua expansão, que tem como conclusão geográfica o fenômeno que se coloca atualmente como globalização, e o imperativo da acumulação, também intitulado de neoliberalismo. A fusão entre globalização e o neoliberalismo é fenômeno de escala mundial e se constitui naquilo que sempre quis esconder, ou seja, um “Sistema Capitalcrático” (poder do capital) ou mesmo uma “Capitalcracia”. A capitalcracia consiste na exploração dos trabalhadores que se apresenta como única saída construída pelo capitalismo no âmbito de suas crises cíclicas.⁶

Trata-se de uma síntese do poder econômico e político que não tolera a *democracia* (poder do povo) e, como estamos vivenciando, impossibilita a sua expansão dentro de seus marcos, a favor da classe hegemônica capitalista. Ante essas contradições da capitalcracia, o desafio atual da esquerda é, primeiramente, engendrar, diuturnamente, a luta de classes e, nesses termos, promover políticas centradas no cuidado dos mais pobres, fomentar economias sustentáveis, lutar contra a propriedade privada dos meios de produção da vida, preservar a natureza, alcançar a paz como fruto de justiça e combater as desigualdades sociais.⁷ Nesse sentido, o nosso desafio é, simultaneamente, ser anticapitalista e antifascista, e isso, certamente, porque “[...] aqueles que são contra o fascismo sem serem contra o capitalismo, que lamentam a barbárie que sai da barbárie, são como pessoas que desejam comer carne de vitela sem matar o bezerro”.⁸

Como podemos inferir, é muito complexo fazer análise de conjuntura na atualidade, considerando que estamos vivenciando um momento delicado, com uma nova etapa do capitalismo (rentista) se constituindo em um verdadeiro desafio ideológico e epistemológico, em suma, em um teste de fogo para os movimentos sociais. Uma etapa do capitalismo ultraneoliberal e suas siamesas relações com o fascismo, ou melhor, “o fascismo é a verdadeira face do capitalismo”.⁹ Nesse contexto de ataques, de negação e supressão dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras, querem reduzir as conquistas trabalhistas e criminalizar os movimentos sociais, investem na redução da maioridade penal, atacam o Estatuto da Criança e do Adolescente, afrouxam o Estatuto do Desarmamento, investem contra os direitos e as garantias das terras indígenas e quilombolas. Defendem um Estatuto da Família que é um retrocesso contra os direitos da população LGBTQI+ (homofobia e transfobia). Some-se a tudo isso o fato de que crescem as manifestações de negacionismo da ciência, das vacinas contra a Covid-19 e da crise ambiental na Amazônia e no Pantanal. Em relação ao negacionismo das vacinas contra a Covid-19, cumpre esclarecer que, em 2012, a doença resultou na morte de aproximadamente 273 mil pessoas, 18% a mais do que em 2020, totalizando aproximadamente 1,8 milhão.¹⁰ Esse genocídio foi possível graças à negligência e irresponsabilidade nazifascista

⁴ CORRÊA, Valcior. **Capitalcracia**: a crise como exploração e degradação. Florianópolis: Em Debate, 2012, p. 37.

⁵ MÉSZÁROS, Istvan. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 11.

⁶ CORRÊA, *op. cit.*

⁷ *Ibid.*

⁸ BRETCH, Bertold. O Fascismo é a Verdadeira Face do Capitalismo. **Marxist**, [S. l.], 1935. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/brecht/1935/mes/fascismo.htm>. Acesso em: 20 mar. 2025.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ MIATO, Bruno. Número de mortes no Brasil bate recorde em 2021, enquanto nascimentos têm o menor registro da série histórica, diz IBGE. **G1**, Rio de Janeiro, 16 fev. 2023. Disponível em:

de Bolsonaro para com a saúde da população; faz parte do que Ricardo Antunes chamou de “capitalismo pandêmico” ou pandemia do capital. O capitalismo pandêmico, segundo o autor, diz respeito ao impacto e às consequências da letalidade da pandemia, praticamente um genocídio, do ponto de vista de classe, mas também, provavelmente, da perspectiva de raça, gênero e geração. Ou seja: o drama dos trabalhadores e das trabalhadoras empobrecidos das periferias, precisamente a população pobre, composta de trabalhadores e trabalhadoras negros e negras que trabalham na informalidade do trabalho alienado, pandêmico, informal (uberização do trabalho) e que vêm suportando, ao longo da história, os mais altos níveis de alienação do trabalho, de subemprego e de desemprego.¹¹

Quanto ao negacionismo da crise ambiental, estamos vivendo um verdadeiro colapso ambiental no capitalismo. A crise ambiental pode ser considerada um conjunto de problemas que ameaçam a vida no planeta, resultando na degradação do meio ambiente e no aumento das desigualdades de classe social, até culminar no empobrecimento crescente da classe trabalhadora. Nesse sentido, a Revista Motrivivência, nos últimos editoriais, de forma introdutória, vem chamando a atenção da comunidade acadêmica da Educação Física para o debate sobre a questão ambiental, com ênfase na destruição do meio ambiente, sobretudo no que concerne ao desmatamento e aos incêndios (queimadas), fenômenos estes que geram, consequentemente, a desertificação da Amazônia, do Pantanal e de outros pequenos biomas. O que está em pauta é a destruição da biodiversidade, a poluição dos rios e dos solos, o deslocamento de imensos contingentes populacionais, entre outros fatores. Toda essa ingerência do capital na natureza é engendrada intencionalmente, com vistas a viabilizar a construção de represas ambientalmente catastróficas e massacrar a saúde pública, especialmente o desenvolvimento neuronal e do aparelho cardiorrespiratório de crianças e jovens. Toda essa sanha destrutiva cobra um alto preço pelo desenvolvimento econômico que a acompanha, como se isso pudesse gerar prosperidade para os diversos setores da sociedade,¹² em especial para a classe trabalhadora empobrecida pelas ingerências ideológico-mercantis do capital.

Quando põem na *ordem do dia* a questão do capitalismo e do colapso ambiental, o intuito dos editoriais sempre é alertar para o fato de que a problemática do meio ambiente é uma categoria que precisa atravessar, de maneira mais contundente, as Ciências do Esporte, no que se refere à cultura corporal de homens e mulheres em movimento na história. Todavia, apesar do empenho dos nossos editoriais e artigos, a problemática do meio ambiente ainda é tratada, nas Ciências do Esporte, de maneira insípida e “transversal”, apenas sob a forma de denúncia ocasional da realidade.

Somem-se a toda essa sanha negacionista contra o meio ambiente a xenofobia, o racismo e a intolerância religiosa, sobretudo contra as religiões de matriz africana e os povos originários (Candomblé, Umbanda, Quimbanda). Como se toda essa pauta neofascista não bastasse, ressurgem o ódio e a negação contra as políticas públicas e sociais de caráter inclusivo (Bolsa-Família; Minha Casa, minha vida; Política de Cotas nas universidades, entre outras). Nesse limiar, eivado de ultraneoliberalismo e neofascismo, o que é ainda mais grave é o negacionismo da ditadura e o clamor fascista por seu retorno nos dias atuais. Tudo isso foi vivenciado antes do 8 de janeiro, em Brasília, com os atentados à bomba às instituições e as ameaças e agressões nas redes, assassinatos e ameaças de morte contra militantes de esquerda nas ruas e nos locais

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/02/16/numero-de-mortes-no-brasil-bate-recorde-em-2021-mas-nascimentos-tem-o-menor-registro-da-serie-historica-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 30 maio 2025.

¹¹ ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo Pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022, p. 9.

¹² MARQUES, Luis. **Capitalismo e colapso ambiental**. Campinas: Unicamp, 2018, p. 15.

de lazer, ameaças de morte contra o presidente Lula e o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes. Todo esse quadro macabro e genocida não contém fatos isolados, é a expressão do crescimento das necropolíticas da extrema-direita neofascista.¹³

Essas tragédias, anunciadas escancaradamente pelas redes sociais, fazem parte da violência política que vem sendo praticada pelos bolsonaristas antes, durante e depois das eleições, principalmente de 2022 em diante, quando a extrema-direita perdeu as eleições para o presidente Lula. Antecedendo os dias das eleições, tanto de 2018 quanto 2022, houve diversas violências, culminando com assassinatos, emboscadas e ameaças de morte contra militantes da esquerda. Além disso, houve a participação de golpistas “patriotários” em tentativas de perpetrar atos violentos, como, por exemplo, a explosão no aeroporto de Brasília, em dezembro de 2022, feita por um dos terroristas acampados em frente ao QG do Exército na capital federal.¹⁴ O homem que queria explodir o STF, próximo à Câmara dos Deputados, mas terminou, por erro, autoexplodindo-se por amor e idolatria ao “mito”.

Toda essa barbárie forjada pelos golpistas fascistas e sua pachorra de pedir anistia, de acordo com a linguagem poético-política, ocorrem diante de

Um regime em defesa do ianque
Entreguista, cruel e repressor
Para calar a voz do trabalhador
Com censura, tortura, bala e tanque
É preciso que esse mal se estanke
A anistia só poupou generais
Que impunes junto com liberais
Não respeitam qualquer democracia
Então digo, contra essa tirania,
Acabou: Ditadura nunca mais!¹⁵

Postos esses gritos de protesto, endossamos: *Ditadura, nunca mais*, principalmente após 8 de janeiro de 2023. Sem anistia! Golpe, nunca mais! Dizemos isso porque já estamos calejados de golpes de Estado, cujos artífices ficam sempre impunes. Temos passado por muitos golpes e já é hora de estancar as anistias e os esquecimentos das maldades e torturas, pois, fora a tentativa de golpe de janeiro de 2023, ao todo são sete as vezes em que o Brasil passou por processos de golpe de Estado: a Noite da Agonia, em 1823, o primeiro golpe de Estado; um jovem de 14 anos no poder: o golpe da maioridade; a Proclamação da República: o primeiro golpe militar; Estado de sítio em 1891: o Congresso é dissolvido pelo primeiro presidente do Brasil; a Revolução de 1930 e a chegada de Getúlio Vargas ao poder; o Estado Novo: Vargas dá mais um golpe de Estado; o Golpe Civil-Militar de 1964: o mais conhecido dos golpes de Estado.¹⁶

Em toda essa crise do capital, além da crise ambiental inerente a esse sistema, cumpre fazer referência à crise do mundo do trabalho na ordem do capital rentista e destacar que este está aliado às *Big Techs*, promovendo um cenário de complexidade e destruição das leis trabalhistas. Nesse âmbito, os trabalhadores e as trabalhadoras são impelidos a aderir à

¹³ BASTOS, Gustavo. O golpe bolsonarista. **Século Diário**, [S. l.], 8 dez. 2024. Disponível em: <https://www.seculodiaro.com.br/coloas/o-golpe-bolsonarista/>. Acesso em: 20 maio 2025.

¹⁴ PRESO por planejar atentado a bomba em Brasília diz que queria provocar intervenção militar. **Gazeta do Povo**, [S. l.], 25 dez. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/preso-por-planejar-explosao-em-brasilia-queria-provocar-intervencao-militar/>. Acesso em: 30 maio 2025.

¹⁵ LIRA-PIO, Simplicio; ARAÚJO, Evaldo. **Ditadura, nunca mais!** [S. l.: s. n.]: 2024. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://sindilegis.org.br/wp-content/uploads/2024/11/POESIAS.pdf. Acesso em: 1º maio 2025.

¹⁶ PAIXÃO, William de Miranda. Golpes de Estado: 7 vezes que o Brasil desrespeitou a Constituição. **Polize**, [S. l.], 28 nov. 2024. Disponível em: <https://www.politize.com.br/golpes-de-estado-2/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

uberização do trabalho, cuja jornada de trabalho, às vezes de quarenta minutos, não é um emprego, mas sim uma falsificação. E assim o capitalismo atual explora os trabalhadores e as trabalhadoras na condição de proletário/proletária, vendendo a imagem de que ele/ela é o(a) empresário(a) de si mesmo(a). É por esse motivo que Ricardo Antunes intitulou o seu livro de *Privilégio da Servidão*, em referência ao fato de que vivemos o tempo do novo proletariado de serviços na era digital, que se traduz em uma verdadeira escravidão digital, a qual, ressalvadas as devidas diferenças, assemelha-se à situação de escravidão do século XIX.¹⁷ Diante dessa concretude do mundo do trabalho atual e da chegada das comemorações do 1º de maio, o “dia do trabalho”, torna-se iminente buscar inspiração ideológico-poética nos seguintes versos do poema *La Comuna*:¹⁸

Trabalhar menos! Trabalhar todos!
Produzir o necessário! Dividir a produção
[...]
No vai e vem da bicicleta, rasga o asfalto o entregador.
É refém da própria meta.
O algoritmo é o chicote que se aprimorou.
Seu pedido está chegando até você.
Desfrute esse sabor.

Essa situação humilhante e alienante suscita a seguinte pergunta: como assegurar e fazer avançar seus direitos, como se inserir de maneira robusta na luta pela democracia e pela ampliação das liberdades no Brasil?¹⁹ A resposta poderá ser suscitada por outra pergunta aos leitores e leitoras com base na literatura de cordel de Medeiros Braga: “Capitalismo e democracia é possível?”.²⁰ A resposta provisória poderá ser formulada a partir das reflexões de Ellen M. Wood que nos adverte que a democracia liberal é compreendida como “o governo pelo povo ou pelo poder do povo”. Todavia, a autora subverte esta afirmação ao dizer que a “democracia significa o desafio do governo de classe”.²¹

A fim de recordar alguns dos conteúdos tratados nos últimos editoriais, cabe-nos ressaltar que o editorial de 2024 teve como tema a canção *Solo le pido a Dios!* O tema da última edição anunciou, em sua redação, as seguintes problemáticas e questões, algumas centenárias e outras atuais, tantas vezes repetidas na ciência e nas mídias (redes sociais), a saber: *Sem Anistia perante os fascistas patriótários! Pela não intrusão do “capital educador” no Ministério dos Esportes! Pelo retorno (mesmo) do Ministério dos Esportes e do Brasil Potência Olímpica! Não ao colapso ambiental e socorro aos Yanomamis! Por uma Palestina livre! Somos todos palestinos e palestinas!* Trata-se de problemáticas, temas e questões de suma materialidade e atualidade, todas elas nos convidando para um passeio em busca de, pelo menos, breves pistas de análise de conjuntura. Tarefa difícil, considerando ainda a dificuldade da área de conhecimento das Ciências do Esporte, salvo poucas exceções, em pensar as questões da cultura corporal e do movimento em articulações estreitas e concretas com as análises de caráter local,

¹⁷ LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE O CONTEMPORÂNEO. Entrevista com Ricardo Antunes. Campinas, 1º abr. 2025. Instagram: @ labcon.lab/. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DH67w1FPGBi/?igsh=NGlsOWJxenh0bXoy>. Acesso em: 1º maio 2025.

¹⁸ Trecho da música *La Comuna*, da banda El Efecto.

¹⁹ A CADELA..., 2015.

²⁰ MEDEIROS BRAGA. Capitalismo e Democracia. *Flickr*, [S. l.], 17 jan. 2011. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/arturblmaia/5363495095>. Acesso em: 20 mar. 2025.

²¹ WOOD, Elen M. **Democracia contra o capitalismo**: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2006.

regional e universal. Além do mais, em termos de projeto editorial, a revista cumpre, minimamente, a nosso ver, a tarefa ética, estética e política de, nos seus editoriais, fazer o exercício na escrita, buscando possíveis relações entre ciência, política e arte (ou a poesia como método).

De fato, o último editorial, assim como os anteriores, trouxe algumas breves reflexões sobre a realidade, com vistas aos desafios para o enfrentamento com as questões inerentes às distopias, visíveis na vida cotidiana sob a ordem do capitalismo ultraneoliberal, hoje dominado pela extrema-direita, no Brasil e no mundo. Essas emergentes e relevantes problemáticas político-econômicas e sociais possuem múltiplas determinações, oriundas das distopias que caracterizam a crise do capital, portanto são questões históricas, econômicas, culturais e geopolíticas, algumas das quais se apresentam nas práticas sociais, tanto locais quanto universais (guerras no capitalismo, guerra de Israel contra a Palestina, o chamado genocídio na Faixa de Gaza e Cisjordânia). Neste editorial, fundamentalmente, dedicamos algumas páginas críticas ao golpe de 8 de janeiro de 2023 e, consequentemente, assumimos uma posição radical contra a anistia aos golpistas fascistas, conforme trechos da canção de Chico César citados no editorial de 2024, que repetimos e cantamos em uníssono:²²

Bolsominions são demônios
Que saíram do inferninho
Direto pro culto
Pra brincar de amigo oculto
Com satã num condomínio

Bolsominions são vergonhas
Que pastavam distraídas
Burrice imodesta
O horror à festa
E à risada instruída.

Como se pode inferir, nas páginas do editorial passado, fizemos críticas contundentes à ideologia da extrema-direita e suas visões de mundo, homem e sociedade, as quais se materializam e se traduzem nas práticas generalizadas de produção fascista de *fake News*, ódio de classe, raça e gênero, com ênfase na crítica à destruição da democracia e na relação entre o meio ambiente e as práticas do agronegócio, cujos impactos negativos incluem o uso intensivo de agrotóxicos, a devastação ambiental, a exploração de trabalhadores, a concentração de terras e a falta de diversidade na produção alimentar, conforme os recados nos trechos da canção de Chico Cesar *Os reis do agronegócio*:

Vocês me dizem que o Brasil não desenvolve
Sem o agrobiz feroz, desenvolvimentista
Mas até hoje na verdade nunca houve
Um desenvolvimento tão destrutivista
É o que diz aquele que vocês não ouvem
O cientista, essa voz, a da ciência
Tampouco a voz da consciência os comove
[...]
Vocês só ouvem algo por conveniência
Para vocês, que emitem montes de dióxido
Para vocês, que têm um gênio neurastênico
Pobre tem mais é que comer com agrotóxico
Povo tem mais é que comer se tem transgênico
É o que acha, é o que disse um certo dia
Miss motosserrinha do desmatamento

²² Trechos da música *Bolsominions*, de Chico César.

Já o que acho é que vocês é que deviam
Diariamente só comer seu “alimento”.

Ademais, urge destacar que a Revista Motrivivência sempre se posicionou contra a Ditadura Civil-Militar de 1964 e sempre adotou os lemas “Lembrar o passado e não repeti-lo”, “Ditadura, nunca mais”, “Holocausto, nunca mais”. Nessa mesma direção, põe-se em defesa dos povos originários, ou seja, das demarcações que fundamentam o Marco Temporal, bem como do povo negro e quilombola, contra o racismo estrutural, contra a misoginia (ódio às mulheres), a LGBTfobia e a transfobia.

Segundo Ato

Distopia, ultraneoliberalismo e neofascismo: em busca de pistas para a atuação dos golpistas fascistas de 8 de janeiro de 2023

Quando se fala no fatídico episódio dos golpistas fascistas de 8 de janeiro de 2023, vem sempre à tona a ideia de distopia. Mas qual é o seu significado simbólico? A palavra, de maneira abreviada, vem associada, no nosso imaginário histórico, social e político, às ideias de extrema-direita, fascismo, nazismo e ultraneoliberalismo, necropolítica e necrocapitalismo. Essas associações não são abstratas ou pseudoconcretas. Elas se originam de um sistema de ideologias e de sistemas de governo já evidenciados concretamente na história, como, por exemplo: ditaduras, escravidão, golpes de Estado, genocídios, entre outros eventos históricos. Por isso, consideramos relevante trazer à tona o conceito de “distopia”, no sentido de buscar aproximações com as políticas de extrema-direita na atualidade brasileira e mundial. Senão vejamos: existe um quadro de destruição do capitalismo ultraneoliberal no Brasil e em todo o planeta, aliás um quadro que poderíamos, de maneira introdutória, chamar de distópico. E por que distopia? Primeiramente, vale ressaltar que distopia é o gênero literário e imaginário que retrata uma sociedade autoritária com condições precárias de vida, uma sociedade que deu errado no nível máximo possível. O termo “distopia” tem origem no grego antigo e significa, em sua forma literal, “lugar ruim”, “lugar infeliz” ou “lugar perverso e cruel”.²³

Em suma, são quaisquer representações ou descrições simbólicas, literárias e imaginativas que possam inspirar as análises de sistemas políticos, organizacionais políticas e sociais, cujo valor represente a antítese da utopia ou promova a vivência em uma “utopia negativa”. É com esse sentido que tomamos essa palavra para esteio deste editorial, visando refletir sobre as contradições da extrema-direita ultraneoliberal, seus ataques à democracia e ao patrimônio público e a contradição dos pedidos insanos de anistia.

Em linhas gerais, o termo também diz respeito a um lugar, época ou Estado fictício em que se vive sob condições de opressão extrema de (desespero e/ou privação/desigualdades sociais). É imprescindível acentuar que as distopias são geralmente caracterizadas por totalitarismos ou autoritarismos (controle opressivo e ditatorial de toda uma sociedade), por anarquias (desagregação social), por condições econômicas, populacionais ou degradação ambiental levadas a um extremo.

Estamos falando das violências das privatizações desmedidas, da crise ambiental, do desemprego, das desigualdades sociais, dentre outras servidões impostas pela lógica contraditória do capital e pelas práticas políticas do neofascismo (guerras, racismo, xenofobia, perseguição aos migrantes, tratamento discriminatório para com os refugiados, entre outras

²³ DISTOPIA. In: Wikipédia, a biblioteca livre. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Distopia>. Acesso em: 20 mar. 2023.

questões). Nesse âmbito, a tecnologia, por vezes, mostra-se uma ferramenta de controle, seja por parte do Estado, das instituições ou das corporações, ou ainda como uma ferramenta de opressão que escapa ao controle humano.²⁴

Fazemos referência às distopias ligadas à face literária, mas também à distopia concreta de um capitalismo em decomposição, em crise. Estamos nos referindo não apenas à distopia como lugar imaginário e abstrato, mas sobretudo à atual fase do capitalismo rentista, que arrasa o mundo e pode ser considerado uma locomotiva descontrolada, sem obstáculos nem freios, que destrói tudo, inclusive a própria humanidade.²⁵ Estamos nos referindo não apenas às distopias imaginárias, fantasiosas e literárias, mas ao concreto vivido de estéticas bélicas de morte, destruição, exploração, escravidão moderna, que subjazem cotidianamente às entranhas do capitalismo ultraneoliberal e suas interfaces mais atuais com a extrema-direita conservadora, que, por sua vez, baseia-se no fascismo, no nazismo e nos preceitos e dogmas das igrejas cristãs e evangélicas neopentecostais.

Com efeito, o capitalismo tem que ser superado por um sistema socialista de poder, em busca da sobrevivência do planeta e contra as destruições do neofascismo e do ultraneoliberalismo. Vale dizer, junto com Chomsky em seu encontro com Pepe Mujica,²⁶ que, embora estejamos vivendo o período mais extraordinário da história da humanidade em diversos aspectos, “[...] nos últimos anos, os seres humanos construíram duas enormes marretas prontas para nos destruir, junto com outras que aguardam nos bastidores”.²⁷ Isso nos mostra como “[...] a inteligência humana ciou uma desgraça perfeita e, se assim continuar, é pouco provável que a nossa espécie sobreviva por muito tempo”.²⁸

O autor refere-se às políticas violentas de Trump para os imigrantes e para os refugiados palestinos em Israel, problemas esses tão graves ou maiores do que a crise climática. Quanto a essa questão, Pepe Mujica assim se posiciona: “[...] ao longo da história, a humanidade causou muitos desastres sem saber, mas agora a causa sabendo, consciente de sua autodestruição”.²⁹ E, mais adiante, reforça: “[...] estou convencido de que não há crise ecológica ou nuclear, o que há é crise política. Produzimos uma civilização sem comando político, governada pelos interesses do mercado. A política ficou subordinada aos interesses do mercado”.³⁰

E nós diríamos, a partir de um trecho da música *Sal da Terra*, de Beto Guedes, “Terra, estão te maltratando por dinheiro”. Ainda sobre a questão ambiental, no mesmo livro, Chomsky adverte:

[...] a esquerda, como todos os demais, deve reconhecer o fato de que, pela primeira vez na história da humanidade, estamos diante de decisões que determinarão se nossa espécie sobreviverá ou não; considerando a ideia de desenvolvimento, produção e interações baseadas no mercado trazem perigos intrínsecos e agora consequências letais.³¹

²⁴ DISTOPIA, 2024.

²⁵ ESPINOZA, Luis; CAMPO, Alex; FLOYD, George. Não é distopia, é capitalismo. **Instituto Humanitas Unisinos**, [S. l.], 5 jun. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/599680-nao-e-distopia-e-capitalismo>. Acesso em: 20 maio 2025.

²⁶ ALVIDREZ, Saúl. **Sobrevivendo ao século XXI**: Chomsky & Mujica. Rio de Janeiro: Civilização, 2025.

²⁷ *Ibid.*, p. 43

²⁸ *Ibid.*, p. 43-59.

²⁹ *Ibid.*, 2025, p. 59.

³⁰ *Ibid.*, 2025, p. 56.

³¹ *Ibid.*, 2025, p. 58.

Terceiro ato

O crescimento da extrema-direita: a diabólica fusão entre ultraneoliberalismo e neofascismo e 8 de janeiro de 2022

O crescimento da extrema-direita (neofascismo), consequência do neoliberalismo, que, segundo Chomsky, oportunizou o crescimento da direita radical, pode não estar tão associado ao ódio irracional contra populações vulneráveis, mas sim ao sentimento de abandono diante da aplicação desastrosa e excludente de políticas neoliberais, como aconteceu nos últimos anos na Europa, nos EUA e no Brasil.³² As políticas neoliberais desgastaram e vêm desgastando o poder regulador do Estado e, dessa forma, afetam suas capacidades, como, por exemplo, a de evitar catástrofes ecológicas e nucleares. Esse processo produz efeitos mais profundos, pois, se uma sociedade é democrática, o poder do Estado é o poder da população, de forma que a destruição da democracia é um traço marcante dos programas e princípios neoliberais³³ e suas articulações com a extrema-direita neofascista. A bem da verdade, o desafio da esquerda mundial tem duplo teor ideológico e político, ou seja, uma dupla luta: anticapitalista e antifascista.

Como se isso não bastasse, esses abutres se uniram ao capitalismo rentista, ajudando a espalhar as mentiras das *fake News*, a perpetuar o capital rentista e a desestabilizar a economia mundial, aumentando assim a pobreza e a miséria, o desemprego e as privatizações, além do ódio de classe (ódio aos pobres), raça (racismo), gênero (misoginia), dentre outros.

Some-se a todo esse quadro o vertiginoso crescimento das igrejas neopentecostais (evangélicas), que se espalham como cogumelos em cada esquina, misturando política, fé e fanatismo desvairado, cujos pastores, arautos desse tipo de capitalismo, gritam, nos cultos, com suas bíblias nas mãos, o eco do apocalipse construído por eles próprios: “templo é dinheiro”. Nos Estados Unidos, mas também na América do Sul, especialmente no Brasil, conforme Chomsky,³⁴ há uma comunidade evangélica poderosíssima. Todavia, de acordo com autor, os evangélicos ainda não conseguiram se transformar numa força política – opinião da qual discordamos. Eles estão de braços dados com o ultraneoliberalismo, o neofascismo e o populismo, sob as bênçãos do “deus mercado” e do capital rentista.

Esse quadro de barbárie está acontecendo em todo o mundo – e no Brasil pode ser vivenciado pela televisão e pelas redes sociais –, mas não sem os intensos protestos e lutas contra a necropolítica capitalista de extrema-direita, também denominada necrocapitalismo. Como nas edições passadas, nosso intuito sempre foi e continua sendo estimular os nossos leitores e leitoras (pesquisadores e pesquisadoras), a partir dos nossos editoriais, a fazer possíveis aproximações entre as chamadas Ciências do Esporte e as questões da Educação Física, Esportes e Lazer. Isso requer que se levem em consideração, nos processos educativos, a formação política crítica e suas interações com os conteúdos da cultura corporal e de movimento, articuladas com as análises de conjuntura de caráter local, regional, nacional e internacional. Trata-se, portanto, de um desafio engendrado por nossas editorias, que visa fazer uma relação imbricada entre ciência e política (e arte), não somente para os pesquisadores iniciantes, mas também para os iniciados e experientes na ciência.

³² BERNARDES, Larissa. Noam Chomsky: ‘Crescimento da extrema-direita é consequência do neoliberalismo’. **Diário do Centro do Mundo**, [S. l.], 15 set. 2018. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/noam-chomsky-crescimento-da-extrema-direita-e-consequencia-do-neoliberalismo/>. Acesso em: 20 maio 2025.

³³ ALVIDREZ, 2025, p. 77-78.

³⁴ *Ibid.*, p. 78.

Este editorial não difere muito daquele de 2024, no que concerne à conjuntura brasileira e internacional, mas para nós, cientistas de esquerda e progressistas, pensar sobre essas questões, oriundas da história do presente em movimento, representa desafios incomensuráveis, devido à agenda imposta pelos projetos distópicos da extrema-direita.

Sendo assim, o quadro conjuntural nacional e internacional, mas principalmente o nacional, complexifica-se em razão da polarização política, das ameaças de morte, dos golpes sujos e de uma insistência no projeto de anistia para os fascistas envolvidos na tentativa de golpe de 8 de janeiro 2023. Por tudo isso, citamos sempre letras de sambas que retratam bem a luta dos artistas contra a anistia aos fascistas. Os sambas, envoltos de arte e política, convidam-nos a lutar contra os ditames autoritários e autocráticos da extrema-direita, alertando-nos para os perigos de se anistiar homens e mulheres violentos e conservadores, depredadores da frágil democracia burguesa e destruidores dos Três Poderes e do patrimônio público. Eles/elas deturpam o conceito de anistia, que consiste em “pedir perdão pelos crimes cometidos”,³⁵ pois esses réus do STF são condenados por tentativa de Golpe de Estado, em razão dos ataques aos prédios dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023.

Apesar de tudo, os golpistas neofascistas continuam a manter na pauta ultradireitista a continuidade do negacionismo da crise climática, que se evidencia na destruição do meio ambiente. Essa massa ignobil, também chamada de “gado – o que é uma ofensa aos animais, além do terrorismo e dos crimes contra o Estado de Direito, depois de tudo, continua a tentar barrar as lutas contra a crise ambiental, que afeta todo o Brasil e toda a humanidade. Some-se a tudo isso o boicote aos projetos sociais, como, por exemplo, a taxação zero proposta pelo presidente Lula para conter a inflação dos alimentos, rechaçada pela oposição de extrema-direita, fundamentalmente o Partido Liberal.³⁶

No plano internacional, o quadro não mudou muito, apenas se complexificou e se agravou. Destaca-se a economia internacional, com a eleição de Trump nos EUA, o que se reverte numa ameaça para todo o planeta, em todas as dimensões, de caráter geopolítico, cultural, econômico, ético, estético e outros. Com Trump no poder, os EUA vivem a situação mais aterrorizante desde a Guerra Civil, conforme Steven Levitsky, o autor de *As democracias morrem*, neste caso, a morte das democracias liberais, que estão em crise, como a democracia americana, segundo Manuel Castells.³⁷ Levitsky adverte-nos de que a chegada de Trump ao poder representa “o maior ataque às instituições democráticas dos EUA na história moderna” e que o país pode tirar algumas lições do passado recente da América Latina. A rigor, trata-se de uma grande ameaça para todo o planeta, conforme a experiência atual com os chamados *tarifaços de Trump*, que impuseram tarifas recíprocas contra diversos países, fato esse que reacende o debate sobre os rumos do comércio global, com economistas e analistas que divergem sobre os reais impactos das medidas político-econômicas de Trump.³⁸

³⁵ FERREIRA, Luiz Cláudio. Réus no STF deturpam conceito de anistia, diz presidente de comissão. **Agência Brasil**, [S. l.], 2 abr. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-04/reus-no-stf-deturpam-conceito-de-anistia-diz-presidente-da-comissao>. Acesso em: 20 maio 2025.

³⁶ FERNANDES, Leonardo. Governo Lula anuncia medidas para reduzir preço da comida e zera impostos para importação de café, carne e outros produtos. **Brasil de Fato**, [S. l.], 6 mar. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/03/06/governo-anuncia-medidas-para-reduzir-o-preco-da-comida/>. Acesso em: 1º maio 2025.

³⁷ CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

³⁸ NOBERTO, Cristiane; NAKAMURA, João. Tarifas de Trump: o que pode ocorrer com a economia do Brasil e do mundo? **CNN**, [S. l.], 2 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/tarifas-de-trump-o-que-pode-ocorrer-com-a-economia-do-brasil-e-do-mundo/>. Acesso em: 20 maio 2025.

Em linhas gerais, com eleição de Trump, recrudescem o medo, as crises, os retrocessos, as incertezas, o caos, a começar pelas experiências de seu primeiro mandato (2017 a 2021), que se traduziram em jogo de traição contra seus assessores, ódio aos migrantes e disputas internas de poder, de acordo com o livro *Medo: Trump na Casa Branca*.³⁹ Vale lembrar de que Trump, durante o mandato, demonstrou capacidade inexcedível para a alterar o estado das coisas; entregou resultados substanciais a seus apoiadores, como a redução de impostos, desregulamentações ambientais, reformulação do Judiciário Federal, entre outras. No âmbito da política externa, vetou acordos multilaterais, mudou regras migratórias, a exemplo que está fazendo neste segundo mandato, provocou e continua provocando duras disputas com a China, além de outras medidas, tais como: perdão aos envolvidos no ataque ao Capitólio; ordem para renomear o Golfo do México como Golfo da América; declaração de emergência na fronteira com o México; retirada dos EUA do Acordo de Paris e da Organização Mundial da Saúde.⁴⁰

Quarto Ato

Oito de janeiro de 2023: “O grito ‘sem anistia’ ecoa e deve ecoar”.⁴¹ Sem anistia para os golpistas fascistas em 2025! Ditadura, nunca mais!

Já passou da hora
De pegar o Capitão
Eu vou deixar um bilhete
Na porta da prisão
Pra que a nossa voz
Ele tenha que ouvir:
Nós Ainda Estamos Aqui!

Eu tô na luta o dia inteiro
Igual todo brasileiro
E jamais arredo pé
Sou comuna, mané
Sei que o mundo verdadeiro
Não precisa, meu parceiro
Ser do jeito que ele é
Sou comuna, mané

Mesmo em tempos que o tempo
Nos dá contratemplos
A gente se dá
Ao velho sonho que um dia
O povo acorde podendo sonhar

Dou pé na bunda
Se algum Zé Reaça chegar
Querendo bancar o babaca
Que ataca e depois vai chorar
Aqui com a gente
Essa gente não vai se criar

³⁹ WOOD, Bob. **Medo**: Trump na Casa Branca. São Paulo: Todavia, 2018.

⁴⁰ VELASCO E CRUZ, Sebastião Carlos; BOJIKIAN, Neusa Maria Pereira. **De Trump a Biden**: partidos, políticas, eleições e perspectivas. São Paulo: Unesp, 2021.

⁴¹ VELOSO, Caetano (@caetanoveloso). **Twitter**, 25 abr. 2025. Disponível em: <https://x.com/caetanoveloso/status/1915739869441118212>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Pode ser pateta ou patente
Eles que se explodam pra lá

Golpe de estricnina, o escambau
Cloroquina, quadrilha de general
Mas que Show da Xuxa é esse?
Anistia pra fascista é o cacete!
Mas que Show da Xuxa é esse?
Anistia pra fascista é o cacete!⁴²

De volta ao editorial de 2024, admitimos que, naquela altura, fomos irredutíveis quanto à anistia para os golpistas fascistas. Na ocasião, argumentávamos que não existe perdão para crimes de lesa-pátria como os que aconteceram na efeméride de 8 de janeiro de 2023. Neste editorial, reiteramos com veemência: “sem anistia para os golpistas fascistas” e complementamos, de acordo com a letra do samba supramencionado, “já passou da hora de pegar o capitão”. No momento em que fechamos este editorial, os fascistas teimam em entrar com o Projeto de Lei da Anistia (PL nº 2.858/2022), de autoria do Major Vitor Hugo, que, na prática, anistia manifestantes, caminhoneiros, empresários e todos os que participaram de manifestações nas rodovias nacionais, em frente a unidades militares ou em qualquer lugar do território nacional do dia 30 de outubro de 2022 ao dia de entrada em vigor da lei. Esse PL se baseia em PLs anteriores e, na verdade, é mais um golpe, ou seja, pretende instituir beneplácitos que suplantariam em muito os condenados do 8 de janeiro e atingiriam casos que ainda não foram julgados, impedindo novas investigações e desmontando a própria estrutura de defesa do Estado Democrático de Direito, prevista em lei.⁴³

Esses antipatriotas imitaram a Invasão do Capitólio nos Estados Unidos, no dia 6 de janeiro de 2021, pelos apoiadores do então presidente Trump. Os invasores, grupos de extrema-direita, entraram no prédio alegando fraude nas eleições presidenciais de 2020, argumento igualmente copiado pelos *patriotários* militares, civis e *pobres de direita*⁴⁴ após as eleições de 2022, que elegeu o presidente Lula e derrotou o patético, genocida e bozofascista Bolsonaro. Mas a pergunta que não quer calar é: para além dos pobres de direita, quem são esses neofascistas que participaram da tentativa de golpe no dia 8 de janeiro de 2023? Segundo a Primeira Turma do STF, colegiado composto pelos ministros Alexandre de Moraes (relator), Flávio Dino, Cristiano Zanin, Carmen Lúcia e Luiz Fux, que analisaram a denúncia da Procuradoria-Geral da República (PGR) por tentativa de golpe de Estado, são 34 pessoas, incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro e integrantes do alto escalão do último governo.⁴⁵ São esses antipatriotas que, hoje, em maio de 2025, têm a pachorra de se autointitularem cidadãos e cidadãs de bem e fazerem mobilizações em todo país exigindo “anistia irrestrita”. Um escárnio! Os réus no STF por tentativa de golpe de Estado, incluindo os condenados pelos ataques aos prédios dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023, deturpam o conceito de anistia, para, na realidade, “pedir perdão pelos crimes cometidos”, de acordo com a avaliação da

⁴² Música *Sem Anistia para Fascistas!*, de Manu da Cuíca, Belle Lopes, Luiz Carlos Máximo e “Bochecha” Bil, interpretada por Zé Paulo Miranda e Lucio Sanfilippo.

⁴³ RIBEIRO, Bruno Salles Pereira. O que diz o PL da Anistia? Por que, para quem e por quê? **Congresso em Foco**, Brasília, 14 abr. 2025. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/artigo/107709/o-que-diz-o-pl-da-anistia-por-que-para quem-e-por-que>. Acesso em: 30 maio 2025.

⁴⁴ SOUZA, Jessé. **Pobres de Direita**: A vingança dos Bastardos. O que explica a adesão dos ressentidos à extrema direita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

⁴⁵ PONTES, Felipe. Por unanimidade, turma do STF torna Bolsonaro e mais 7 réus por golpe. **Agência Brasil**, [S. l.], 26 mar. 205. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-03/por-unanimidade-turma-do-stf-torna-bolsonaro-e-mais-7-reus-por-golpe>. Acesso em: 30 maio 2025.

presidente da Comissão de Anistia, Ana Maria Oliveira. O órgão é ligado ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.⁴⁶

Nós, editores da Motrivivência, somos da opinião de que a mídia abre espaços generosos para o PL da Anistia, o qual se constitui num projeto que rasga a Constituição Federal. Sendo assim, indignamo-nos com esse tipo de cobertura jornalística sobre o projeto de anistia, que a escória da política quer aprovar sob pau e pedra na Câmara dos Deputados, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ademais, é preciso não esquecer que: a) os golpistas, com Bolsonaro no comando, durante anos, atacaram a higidez das nossas urnas eletrônicas, dando início à sabotagem do processo eleitoral brasileiro, admirado no mundo todo por sua eficácia, rapidez e segurança, imitando às eleições americanas; b) em 7 de Setembro de 2021, no Dia da Independência, Bolsonaro promoveu manifestações de caráter nitidamente golpista, em Brasília e no Rio, chegando a proclamar que não cumpriria mais decisões do Supremo, e essas movimentações antidemocráticas só não avançaram por falta de apoio suficiente por parte de setores das forças armadas; c) Bolsonaro está inelegível porque reuniu embaixadores de diversos países para atacar e descredibilizar o sistema eleitoral do país; d) derrotados no segundo turno, os golpistas bloquearam as rodovias com os caminhoneiros; e) a próxima etapa foi a organização de acampamentos em frente a quartéis do Exército.⁴⁷

Todos esses réus defendem a Ditadura Civil-Militar de 1964, seus métodos macabros, torturas, mortes, ocultamentos de cadáver. Todos e todas alinhados com a necropolítica do capitalismo neoliberal e do neofascismo, com pitadas de neonazismo e adesão dos evangélicos neopentecostais, conforme já aludimos.

Nesse imbróglio, fora a participação ostensiva de setores das Forças Armadas, que promoveram as mobilizações em frente aos quartéis, algumas questões não querem calar, segundo Jessé Souza:

O que explica a adesão dos ressentidos à extrema direita? Por que uma parcela significativa dos pobres, conhecidos hoje como os *pobres de direita*, os quais teriam muito a perder com Bolsonaro, representante das piores elites nacionais, votaram nele duas vezes de forma maciça?⁴⁸

Todavia, convém lembrar de que o contexto imediatamente anterior era o da polarização do “nós contra eles”, ou seja, quando os pobres votaram em peso, pela primeira vez, durante quatro eleições seguidas, em um partido de esquerda, nesse caso, o PT; e a classe média e a elite, desde sempre, no PSDB.⁴⁹ Longe de querer responder às perguntas do autor, uma outra pergunta se impõe, para além do impacto causado pelo neoliberalismo nos últimos anos, sobretudo no governo Temer (privatizações, saques financeiros impopulares entre outras medidas), cujo teor é “por que a pregação da extrema-direita encontra terreno fértil nos empobrecidos?”. Quanto à continuidade do debate e às possíveis respostas engendradas por Jessé de Souza, sugerimos a leitura do seu livro na íntegra.

Essas questões, assim como outras, ainda precisam ser respondidas e investigadas pelas diversas áreas do conhecimento, sobretudo pelas Ciências Sociais e Humanas, entre as quais as

⁴⁶ FERREIRA, 2025.

⁴⁷ ASHTON, Dafne. “O Exército estava de frente para nós”, diz Cappelli sobre impasse que travou ação para desmontar acampamento golpista. **Brasil 247**, [S. l.], 25 mar. 2025. Disponível em: <https://www.brasil247.com/entrevistas/o-exercito-estava-de-frente-para-nos-diz-cappelli-sobre-impasse-que-travou-acao-para-desmontar-acampamento-golpista>. Acesso em: 20 maio 2025.

⁴⁸ SOUZA, 2024, p. 9-10.

⁴⁹ *Ibid.*, loc. cit.

Ciências do Esporte, como estratégia de formação política dos professores e pesquisadores da área; enfim, como procedimento ético-político e estético acerca da realidade brasileira e as repercussões sobre cada área do conhecimento.

No editorial de 2024, aludimos a um momento dramático para a política brasileira, quando uma multidão invadiu a praça dos Três Poderes e destruiu símbolos da República. Pois bem, em 8 de janeiro de 2023, nós brasileiros fomos surpreendidos com imagens de redes sociais e câmeras de segurança de Brasília, que mostravam, em diferentes ângulos, o episódio insólito de violência contra o patrimônio público: a convocação pelas redes sociais, o acampamento em frente ao QG do Exército, as falhas de segurança que permitiram a invasão, o papel das Forças Armadas, a destruição de obras de arte e do patrimônio público. São imagens dramáticas e inaceitáveis, que nos ajudam a entender como o 8 de janeiro se encaixa na história recente do país e dialoga com questões ainda não equacionadas do processo de redemocratização e do Golpe de 1964. Para entender esse dia fatídico para a política brasileira, foram ouvidos especialistas em redes sociais, relações internacionais e antropologia, além de testemunhas. Esses sujeitos apontaram sete fatores que ajudam a explicar os ataques de 8 de janeiro de 2023, a saber: 1) redes; 2) desinformação; 3) o avanço do populismo de direita; 4) polarização; 5) o acampamento – movido pela ilusão de que os golpistas convenceriam as Forças Armadas a decretar uma intervenção militar e mudar o resultado das urnas; 6) presença de grupos antidemocráticos nas Forças Armadas e nas polícias; 7) apagão na segurança.⁵⁰

Entre esses fatores, vamos priorizar a reflexão sobre as redes sociais e as chamadas *Big Techs*, porque estas, juntamente com os demais fatores (desinformação, o avanço do populismo de extrema-direita, a polarização, o acampamento em frente aos quartéis, a presença de grupos antidemocráticos nas Forças Armadas e nas polícias, bem como o apagão na segurança), foram cruciais para a implementação da tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023. Mas afinal, o que é *Big Tech*? É um termo que se refere às maiores empresas de tecnologia do mundo (Apple, Amazon, Google, Microsoft, Meta, Alphabet, Nvidia, Tesla, entre outras), também conhecidas como *Tech Giants* ou *Tech Titans*. Essas empresas dominam o mercado tecnológico e exercem grande influência na economia, na cultura, na sociedade e na política. São empresas que moldam comportamentos, estruturam mercados e impactam a vida de bilhões de pessoas. Elas oferecem produtos e serviços como sistemas de busca, redes sociais, plataformas de comércio eletrônico, inteligência artificial, serviços de nuvem, entre outros.⁵¹

Para entender o papel das tecnologias na sociedade capitalista atual, temos que ampliar a análise e levar em conta o papel das *Big Techs* do ponto de vista político, econômico, cultural, ético, estético e social. Antes de mais nada, temos que pensar criticamente, refletir sobre o papel da tecnologia hoje, principalmente a partir da visão de mundo projetada pelo Vale do Silício. O Vale do Silício (em inglês: *Silicon Valley*), na Califórnia, Estados Unidos, é o apelido de uma região da baía de São Francisco onde estão estabelecidas várias empresas de alta tecnologia, destacando-se na produção de circuitos eletrônicos, na eletrônica e na informática.⁵² É dessa visão de mundo que se originam *slogans* tais como: “empreendedorismo”, “inovação”, “economia de compartilhamento”, “*Big Data*”, “inteligência artificial”. Esses termos complexos podem ser dissecados, revelando com mais profundidade seus efeitos negativos,

⁵⁰ MOTA, Camilla Veras. 7 fatores que explicam os ataques de 8 de janeiro em Brasília. **BBC**, São Paulo, 5 jul. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cye7egj6y1no>. Acesso em: 30 maio 2025.

⁵¹ GUITARRARA, Paloma. O que são big techs? **Brasil Escola**, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-sao-big-techs.htm>. Acesso em: 20 maio 2025.

⁵² VALE do Silício. In: Wikipédia, a biblioteca livre. [S. l.], 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Sil%C3%ADcio. Acesso em: 20 mar. 2023.

que, segundo Evgeny Moroso,⁵³ raramente aparecem nos debates. O autor, grande convededor dessas questões políticas, procura desconfiar de tudo o que reluz no universo tecnológico do Vale do Silício.

Ele mostra, por exemplo, meios de enxergar esse tipo de questão como um fenômeno objetivo e universal, que representa nada mais do que um tipo de ideologia de *marketing* do capital financeiro. Sendo assim, para entender as *Big Techs* e as *fake News* (morte dos dados por meio do falseamento das evidências) e seus mecanismos de dominação, é preciso “[...] entender o real impacto nas nossas vidas e abstrair sua dimensão cultural e suas repercussões políticas, econômicas e sociais”. As *Big Techs*, em sua maioria oriundas do Vale do Silício, contêm em seu bojo alguns dos aspectos mais perversos da ideologia neoliberal. Nesse sentido, há críticos da tecnologia, principalmente dos Estados Unidos, que afirmam odiar o Google e a Amazon, todavia isso não garante que essas empresas estejam do lado do povo e da sua luta por emancipação do atual capitalismo financeiro predatório. Nesse sentido, cumpre destacar que o teor da crítica desses críticos de direita ao Vale do Silício é geralmente conservador e igualmente odiado pela esquerda americana. Aliás, é imprescindível que a esquerda construa, primeiramente, uma crítica emancipatória à tecnologia em geral e, em seguida, uma crítica à economia política do Vale do Silício, bem como ao seu “[...] papel cada vez mais preponderante na arquitetura fluida, e em constante evolução do capitalismo global contemporâneo.⁵⁴

Por tudo isso, nós que vivenciamos as tentativas de golpe de 8 de janeiro de 2023, cuja arma central foram as antidemocráticas e fascistas *fake News*, devemos nos aproximar e olhar com desconfiança necessária e resistência para os ditames capitalistas ultraneoliberais das empresas do Vale do Silício, com vistas a construir alternativas verdadeiras de cidadania e político-econômicas ao capitalismo tecnológico. Isto é, com vistas à conquista da soberania popular em termos de tecnologia e economia política. Esse é um desafio para todas as áreas do conhecimento, em especial para as Ciências Humanas e Sociais e, evidentemente, para as Ciências do Esporte.

Diante do exposto, urge advertir que aquilo que chamamos de “tecnologia”, em muitos casos, nada mais é do que uma forma de dourar a pílula de um novo modo de exercício de dominação e poder da extrema-direita, cada vez mais autocrática e antidemocrática. Exemplos disso são a manipulação das eleições americanas, que elegeram Trump duas vezes (2017-2025), e a eleição de 2018, na qual, via *fake News*, foi eleito Bolsonaro. Nessa eleição, ele e toda sua corja fascista neoliberal já questionavam a legitimidade das urnas eletrônicas, prevendo uma possível derrota, que não aconteceu. Mesmo assim, usaram todos os mecanismos das *Big Techs* para criarem factoides e mentiras sobre a realidade brasileira e seus adversários políticos.

Todavia, nas eleições de 2022, quando perdeu as eleições para o presidente Lula, a extrema-direita fascista de Bolsonaro revoltou-se e culpou as urnas eletrônicas, realizando, sob sua tutela e dos militares, explosões e manifestações contra a posse do presidente eleito (Lula). Para tanto, ele e sua gangue golpista usaram e abusaram das redes sociais para disseminar *fake News*. Todo esse formato de tentativa golpe foi gerado pelo questionamento sobre o processo eleitoral, cuja centralidade foi a perda das eleições de 2022 e, consequentemente, o negacionismo da legitimidade das urnas eletrônicas.

Voltando às *Big Techs*, cumpre destacar que as eleições de 2018 impuseram um alto custo, a ser cobrado, sobretudo, da sociedade brasileira, que ainda é dependente de plataformas digitais e pouco ciente do poder que essas tecnologias exercem sobre as diversas facetas da vida cotidiana. Mas uma coisa é peremptória: ainda faltam elementos mais fortes, teórico-práticos, políticos, econômicos e éticos, por parte da esquerda, no sentido de, aproveitando a experiência das eleições de 2018 e 2022, pensar as redes como agentes políticos. Com efeito, a antipolítica da extrema-direita neofascista continua seu curso desde antes das eleições de 2018 até os dias

⁵³ MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

⁵⁴ MOROZOV, 2018, p. 26.

atuais, utilizando o método das *fake News*, que provoca polarização no cotidiano da política brasileira, baseado, como já aludimos, em uma ideologia que combina neoliberalismo, neofascismo, pitadas de neonazismo e a forte presença dos evangélicos neopentecostais. É nesse contexto que as tentativas de golpe continuam sendo armadas via redes sociais, quando cerca de 4 mil pessoas desembarcaram em Brasília nos dias anteriores ao 8 de janeiro, respondendo a convocações que circularam nas redes sociais, veiculando assim desinformação por meio de mentiras. Esses antidemocráticos usaram e ainda usam as redes sociais, apoiados pela desinformação e movidos pela ideia de liberdade de expressão, para semearem e normalizarem discursos de ódio e mentiras.

Como se pode inferir, o contexto sociopolítico dos últimos anos nos mostra, de modo insofismável, que um dos elementos de destaque na polarização política e na radicalização de forças autocráticas e antidemocráticas se sustenta no fluxo constante de desinformação nas redes sociais e demais plataformas digitais, durante todo o tempo dos mandatos da política no Congresso Nacional. Para além do fluxo de conteúdos inautênticos – sem eufemismos, mentiras e materiais tirados de contexto –, a disseminação massiva de materiais relacionados ao desastre ambiental que assola o Rio Grande do Sul mostra que os esforços no combate à desinformação são necessários para proteger a democracia e a cidadania ativa.⁵⁵ Essas ideias não nasceram no dia 8 de janeiro, pois, por mais de um ano, mensagens que circulavam nas redes sociais espalharam a falsa ideia de que as urnas eletrônicas não eram seguras e de que a Constituição Federal, por meio de seu artigo 142, autorizava o populismo de direita e seu avanço no Brasil, assim como se dá em diversos países do mundo, nos quais o fascismo é até o nazismo são historicamente resgatados por ditadores de extrema-direita.

Todo esse fenômeno de avanço do populismo de direita dialoga com uma nova ascensão global do conservadorismo e do *populismo de extrema-direita*, que, nas últimas duas décadas, chegou ao poder em países como Hungria, Polônia, Estados Unidos, Israel, Itália, Argentina e Brasil, cujos ditadores fascistas são Meloni, Trump, Milei, Netanyahu, Bolsonaro, entre outros. Consideradas suas particularidades, esses líderes autoritários têm em comum o fato de terem sido eleitos dentro das regras da democracia – sem, contudo, trabalharem para fortalecer-las uma vez assentados no poder. O avanço do populismo – de direita e de esquerda –, geralmente, vem acompanhado de polarização social e política.⁵⁶

Isso tudo sob o avanço do fascismo e do populismo, consubstanciados pelos discursos e as práticas dos fascistas do passado, que promovem a raiva, a paranoia, além difundirem mentiras,⁵⁷ estabelecendo-se de modo cada vez mais profundo na sociedade brasileira, polarizada social e politicamente pelos embates entre centro-direita (centrão), extrema-direita e esquerda.

Em síntese, a tentativa de golpe culminou na depredação do patrimônio histórico e político do Congresso Nacional, tendo por QGs os acampamentos em frente aos quartéis, eivados de fascistas e neonazistas para conspirar contra as urnas eletrônicas e o mandato do recém-eleito presidente Lula. Os golpistas tinham a ilusão e a pretensão de convencer as Forças Armadas a decretar uma intervenção militar e mudar o resultado das urnas. E tudo isso com a presença de grupos antidemocráticos das Forças Armadas e das polícias, além do apagão na segurança na segurança.⁵⁸

⁵⁵ EUGÊNIO JÚNIOR, Amauri. Por que é necessário falar em regulação das big techs quando o assunto for o combate à desinformação? **Fundação Tide Setubal**, [S. l.] 2025. Disponível em:

<https://fundacaotidesetubal.org.br/por-que-e-necessario-falar-em-regulacao-das-big-techs-quando-o-assunto-for-o-combate-a-desinformacao/>. Acesso em: 30 maio 2025.

⁵⁶ SCURATI, Antônio. **Fascismo e populismo**: manifesto por um novo antifascismo. Rio de Janeiro, Globo Livros, 2025.

⁵⁷ *Ibid.*

⁵⁸ MOTA, 2023.

Ao fim e ao cabo, uma nota de celebração: durante o processo de construção deste editorial, os fascistas golpistas se munem de argumentos mentirosos e distorcidos para pedirem anistia aos praticantes do crime de lesa-pátria. Contudo, em meio a esse contexto, pudemos celebrar a visibilidade da discussão política e histórica subjacente ao ganhador do Oscar de melhor filme internacional de 2025, *Ainda estou aqui*, dirigido e produzido por Walter Salles e protagonizado pela brilhante Fernanda Torres, no papel de Eunice Paiva. O filme foi baseado na autobiografia homônima de 2015, escrita por Marcelo Rubens Paiva,⁵⁹ e narra a vida e a trajetória de lutas de Eunice Paiva por justiça e por memória, para encontrar os restos mortais de Rubens Paiva, ex-deputado federal e marido de Eunice, assassinado nos porões da ditadura. O filme é de suma importância para a cultura brasileira, uma vez que inseriu esse debate na sociedade, na educação, na cultura e na arte brasileiras, trazendo à tona a questão dos desaparecimentos forçados de trabalhadores e trabalhadoras, das torturas cruéis, das mortes e demais violações dos direitos humanos. O filme ajuda a fazer justiça e a nos posicionarmos desde sempre contra a Ditadura Civil-Militar e fascista de 1964, principalmente quando, na atualidade, os golpistas têm a audácia de reivindicar anistia pelos atos de barbárie e violência simbólica e real, ao praticarem, ao vivo e em cores pelas mídias e redes sociais, um verdadeiro terrorismo com a destruição do patrimônio público.

Quinto Ato

Não é não! Reiterando: sem anistia aos golpistas fascistas de 8 de janeiro de 2023

Nesta edição, primeiramente, recuperamos as ideias e tentativas de análise de conjuntura da última edição (2024), reiterando, fundamentalmente, a nossa posição contra a “anistia aos golpistas fascistas”, que agora está na ordem do dia dos golpistas, além de outras problemáticas que continuam a inquietar todos e todas cientistas ligados(as) às Ciências Sociais e Humanas, a saber: as consequências políticas da chegada de Trump ao poder e o crescimento das políticas extrema-direita no mundo, o “capitalismo e o colapso ambiental”, que culmina com destruição do meio ambiente, entre outras.

Ao fim e ao cabo, como estamos fechando o editorial no dia 1º de maio, dia dos trabalhadores e das trabalhadoras, vamos finalizar este texto com reflexões poéticas sobre o mundo do trabalho no atual estágio do capitalismo ultraneoliberal e neofascista, conforme aludimos no decorrer deste editorial, ao trazermos para o debate a situação da classe trabalhadora, sobretudo no âmbito do trabalho informal, do trabalho assalariado e do trabalho docente. Todas essas formas de trabalho já estão imersas no que Ricardo Antunes chamou de “privilegio da Servidão”, ao acenar para a problemática atual da “uberização do trabalho”,⁶⁰ que diz respeito ao fato de estarmos no limiar do novo proletariado de serviços na era digital, o qual se traduz em uma verdadeira escravidão digital, análoga, respeitadas as devidas diferenças, à situação de escravidão do século XIX. Nesse dia 1º de maio, convém trazer para reflexão uma questão que está ordem do dia desde o editorial de 2024: a escala de trabalho 6x1. Estamos nos referindo a uma jornada de trabalho comum no Brasil, na qual a pessoa trabalha seis dias e só folga um. Nesses termos, está sendo apresentada uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) para a redução da jornada de trabalho e o fim da escala 6x1, defendida pela deputada do PSOL Erika Hilton e outras, com vistas a proporcionar mais qualidade de vida aos trabalhadores, reduzir o desgaste físico e mental, além de atenuar a servidão do trabalho, ou melhor, a uberização do trabalho. Esse modelo, regulado pela CLT, equilibra operações

⁵⁹ RUBENS PAIVA, Marcelo. *Ainda estou aqui*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

⁶⁰ ANTUNES, 2018.

contínuas com descanso semanal. Recentes propostas legislativas e reivindicações sindicais buscam mudanças que exercem impactos substanciais na qualidade de vida dos trabalhadores e das trabalhadoras, na produtividade e nos custos das empresas. Para além desse modelo, existem diversas propostas para a jornada de trabalho, incluindo a escala 5x2 (cinco dias de trabalho, dois de folga) e a escala 4x3 (quatro dias de trabalho, três de folga). Essa situação de sofrimento no trabalho pode ser compreendida a partir de alguns trechos da música *O drama da manada*, da banda El Efecto:

É logo cedo quando o medo vem para me lembrar
Que é dia de trabalho!
Nó na garganta o galo canta e lá vou dançar
Atrás de quê?
Salário!
Eu penso na fuga, mas logo me afogo outra vez
Nesse meu calvário!
Levanta, sacode a carcaça que
A dança não pode parar!”
[...]
Trabalha!
Dando corda nessa estúpida engrenagem
Trabalha!
Que espreme e esgota
A força que te põe de pé
Trabalha!
Aniquilando o que é humano
O que é coragem
O que há de errado? O que será? O que que é?
Trabalha!
Toda fachada esconde a mesma humilhação
Trabalha!
Terra arrasada onde se arrasta a multidão.

Em pleno dia 1º de maio, celebremos nossas lutas com primorosos versos do poema de *Meu Maio*, de Maiakovski, e da música *La Comuna*, da banda El Efecto:

A todos
que saíram às ruas,
de corpo-máquina cansado,
a todos
que imploram feriado
às costas que a terra
extenua
Primeiro de Maio!
O primeiro dos maios:
saudai-o enquanto
harmonizamos voz em
canto.
Sou operário
este é meu maio!
Sou camponês
este é meu mês.
Sou ferro
eis o maio que eu quero!
Sou terra
O maio é minha era!

[...] Trabalhar menos!
Trabalhar todos!
Producir o necessário!
Dividir a produção!

[...]

Corpo e alma, tudo dói, minha cabeça atormentada,
Corpo e alma, tudo dói. Eu sinto a vida envenenada.
Outra forma de vida!
Da insurgência surgirá! Outra forma de vida!

A fotografia de capa desta edição é um presente generoso do designer gráfico e fotógrafo gaúcho Flavio Wild. Artista premiado no país e no exterior, tem um amplo portfólio de produções destacadas nas mais relevantes exposições e mostras individuais e coletivas. Entre suas muitas fotografias, que mixam realidade e sensibilidade, Flavio Wilde registrou em maio de 2024, num misto de tristeza e beleza, os reflexos (literais e simbólicos) das ruas da sua Porto Alegre ainda inundadas pelo Guaíba (que pode ser vistos aqui: <https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/ensaios-fotograficos/ceu-azul-sobre-a-agua-turva/>).

Para encerrar estas páginas e continuar na luta contra o antifascismo (extrema-direita) e o anticapitalista (ultraneoliberal), seguem os peremptórios gritos cotidianos de luta:

- Abaixo a extrema-direita e o ultraneoliberalismo! Abaixo o neonazismo e neofascismo! Abaixo os “mandantes e financiadores golpistas e fascistas da tentativa de golpe de 8 de janeiro!
- Abaixo o racismo estrutural! Na luta antirracista, que ele seja confluência entre a luta classista e racial e as demais determinações e interseccionalidades entre classe, raça, gênero e sexualidade, cultura, geração!
- Abaixo a misoginia! Abaixo a LGBTfobia e a transfobia!
- Abaixo os capitalistas negacionistas do colapso ambiental da Amazônia, do Pantanal e do mundo!
- Abaixo os latifundiários da “bancada ruralista” no Congresso, “os reis do agronegócio”, lembrando que “o agro não é pop, é político”, o agro, de acordo com Caio Pompeia, alcançou o Estado e impôs sua agenda ao país, defendendo a concentração fundiária, paralisando o reconhecimento de direitos territoriais tradicionais e transfigurando instrumentos legais e administrativos relativos ao meio ambiente. O agro é, em sua essência, anti-indígena e antiambientalista e, apesar de parecer “pop” na mídia, vem oportunizando a destruição do meio ambiente, a violação de direitos e, aqui e acolá repaginando o “trabalho escravo”.⁶¹
- Abaixo todas as formas exploração e servidões modernas do mundo do trabalho, incluindo o novo proletariado de serviços na era digital, a escala 6x1 do trabalho, entre outras.
- Abaixo a propriedade privada dos meios de produção em todas as esferas, mas sobretudo das privatizações do “capital educador”, que se constitui de empresários e magnatas representantes da propriedade privada nacional e internacional (representantes de bancos, organizações financeiras e dos supostos setores modernos e internacionalizados, tendo como parceiros o agronegócio exportador e os atacadistas.⁶²

⁶¹ POMPEIA, Caio. **Formação política do agronegócio**. São Paulo: Elefante, 2021.

⁶² OLINDA, Evangelista. Professores na Linha de Tiro! **Medium**, [S. l.], 26 dez. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@Contrapoderbr/professores-na-linha-de-tiro-88db8eda4cd8>. Acesso em: 5 fev. 2023.

- Abaixo o negacionismo da ciência, principalmente das vacinas contra a Covid-19 e outros pontos da agenda política, econômica, científica e cultural!
- Abaixo a intolerância religiosa contra as religiões de matriz africanas e indígenas (candomblé, umbanda, quimbanda e outras)!
- Abaixo ao ódio aos pobres ou aporofobia e mais uma vez viva a luta de classes!
- Viva a educação forjada na luta anticapitalista constante para além do capital?
- Abaixo o negacionismo da ditadura civil-militar de 1964!
- Viva a luta de classes! Salve os movimentos sociais e sindicais na luta permanente em favor dos direitos de trabalhadores e trabalhadoras!
- Trabalhadores e trabalhadoras do Brasil, da América Latina e de todo o mundo: unidos!
- Viva Marielle e a lutas de todas mulheres negras, pardas, indígenas e de todas as cores contra os neofascistas e ultraneoliberais!
- Viva a Palestina livre! Somos todos palestinos e palestinas!
- Viva as lutas dos povos originários e o cumprimento do Marco Temporal: demarcações já!
- Viva as lutas históricas do povo negro e quilombola, das periferias e das quebradas das cidades e dos campos. Viva os povos ribeirinhos!

Postas essas reflexões poético-políticas, encerramos este editorial gritando, de forma peremptória, aos golpistas: Não passarão! Sem anistia para os golpistas fascistas! A Papuda para Bolsonaro e para todos/todas que tentaram destruir a democracia, o patrimônio público e, por fim, o Estado de Direito. DITADURA, NUNCA MAIS! BRASIL NUNCA MAIS (nunca mais: torturas e castigos crueis, repressão contra tudo e contra todos, repressão do direito⁶³)! Busquemos, então a construção de caminhos espaços de esperança e utopia dialética na busca de “espaços de esperança” para práticas de possibilidades político-pedagógicas no limiar de uma cultura corporal e de movimento anticapitalista e antifascista.

Convidamos as nossas leitoras e os nossos leitores para uma leitura crítica e propositiva de nossa Motrivivência.

Florianópolis, 1º de maio de 2025.

**Maurício Roberto da Silva; Giovani De Lorenzi Pires; Rogério dos Santos Pereira
Editores**

⁶³ ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil nunca mais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.